

# **GOTAS DO TEMPO**

**CONTOS PARA O DN-JOVEM**

**Ricardo Loureiro**



# **Gotas do Tempo**

## **Contos para o DN-Jovem**

**Ricardo Loureiro**

*Para o Manuel Dias*

© Textos de Ricardo Loureiro, 1987 – 2002

© Ilustração da capa de Luís Peres, 1996

É expressamente proibida a reprodução, no todo ou em parte, da presente obra sem autorização do autor, de harmonia com a lei em vigor.

## Índice

<b>Introdução</b>	<b>5</b>
<b>Por Um Nada</b>	<b>7</b>
<b>Os Substitutos</b>	<b>12</b>
<b>Cães</b>	<b>19</b>
<b>A Herança</b>	<b>21</b>
<b>A Morte da Raposa</b>	<b>30</b>
<b>Diferentes</b>	<b>32</b>
<b>NeoGeo ou Um Episódio do Fim do Mundo</b>	<b>39</b>
<i>Forficula Auricularia</i>	<b>41</b>
<b>Ele Volta Sempre</b>	<b>49</b>
<b>Epílogo</b>	<b>55</b>

## Introdução

Esta é uma colectânea de contos escritos entre 1987 e 1990. Nesses anos o Diário de Notícias publicava todas as terças-feiras um suplemento, o DN-Jovem, onde jovens escritores e ilustradores podiam colaborar com textos e ilustrações. O formato era o de temas propostos intercalados todas as semanas com um tema livre. Hoje este suplemento encontra-se na internet já não sendo publicado em papel. Sinais dos tempos.

Comecei a interessar-me pela escrita ficcional quando um dia notei que um dos temas propostos para uma edição futura era o de ficção científica, que leio desde os nove anos de idade. Desejoso de participar, quando cheguei a casa escrevi um mini-conto numa folha de papel e no dia seguinte transcrevi-o para folhas dactilografadas. Na altura trabalhava na Avenida da Liberdade e num pulo fui à sede do jornal entregar em mão o conto. Algumas semanas mais tarde tive uma epifania quando o vi publicado. Penso que só quem passou por sensação semelhante sabe do que falo quando vemos pela primeira vez o nosso nome impresso. Na altura tinha 16 anos e estas são experiências que marcam nestas idades.

Encorajado pelo resultado meti mãos à obra e passei a ser um colaborador regular do suplemento embora participasse sempre para os temas livres, que me deixavam mais à vontade. Nunca me dei bem com temas propostos, nem com linhas orientadoras. Prefiro ser deixado livre de imaginar o que bem me aprouver.

Nos 3 anos em que fui colaborador enviei vários contos dos quais se podem ler nove nesta colectânea e tive a grata surpresa de ser um dos escolhidos para integrar a **Antologia DN-Jovem**, publicada em 1990. Nessa antologia tive como companhia escritores como Luís Filipe Silva, Helena Morais, Isabel de Almeida Santos, José Eduardo Agualusa, José Riço Direitinho,

Luís Filipe Parrado, Mariana Brumel e jornalistas como Fernando Sobral, João Miguel Figueiredo Silva, João Paulo Baltazar e José Vegar, entre muitos outros num total de 71 escritores.

Por vicissitudes várias a partir do início da década de 90 deixei de escrever ficção, sendo que as poucas vezes que tentava meter palavras no ecrã de um monitor sentia-me preso, bloqueado. Foi o início de uma longa travessia do deserto que serviu para me concentrar no curso superior e no trabalho. Recentemente voltei às lides, mas isso é outra história.

Não quero, por fim, esquecer o trabalho meritório de Manuel Dias, que semana após semana coordenou o suplemento, tendo sempre, ele e a sua equipa, demonstrado um trato do mais elevado profissionalismo para com aqueles jovens cheios de sangue na guelra que tantas e tantas vezes provaram que *não* são uma geração rasca.

A ele é esta colectânea dedicada.

## Por Um Nada

Este foi o segundo conto que submeti ao Diário de Notícias. Do primeiro já não há memória nem traço embora uma pesquisa aos suplementos do DN-Jovem do ano de 1987 sob o tema de Ficção Científica possa dar alguma pista.

Entusiasmado com a recepção do primeiro conto escrevi de seguida este que foi publicado no tema livre de 4 de Agosto de 1987, tendo merecido o 1º prémio de texto.

É um conto passado no cenário pós-apocalíptico duma guerra nuclear. Este tema, caro à ficção científica do período da Guerra Fria e pós-Hiroshima/Nagasaki, ainda representava uma grande parte dos pesadelos da minha geração. Estávamos a um ano da *glasnot* total na União Soviética e a bomba ainda era assunto que me ocupava os pensamentos. Não posso precisar as influências que me ajudaram a escrevê-lo, mas penso que não muito longe estavam as memórias de **Testament XXI** de Guy Snyder, publicado na Argonauta no número 248 sob o título **Apocalipse 2000**.

- Vai-te embora.

O cano da espingarda mirava-o do buraco da janela. Através dos vidros embaciados e poeirentos, quase via o rosto do homem que gritara a ordem.

- Desaparece, ou enfio-te um balázio nas tripas.

- Só quero um pouco de comida - berrou ele, em tom de súplica.

- Não temos comida, já disse, desanda.

Ele então virou as costas e arrastou-se de volta à estrada. Ainda era o lugar menos atulhado de escombros, onde se podia avançar bastante. Contornou uma racha no asfalto, e prosseguiu para os limites da cidade.

Sentia-se adoentado, talvez a radiação a morder-lhe o interior, ou talvez fosse apenas a fraqueza da fome, a última refeição decente fora há...há quanto tempo? Muito, quem podia dizer, a passagem dos dias e das noites era difícil de conhecer, só pela diminuição do calor e o escurecer das nuvens, que rolavam sobre ele, se podia dizer que anoitecia. A fome não era o único problema, havia as frequentes quedas de cinza, uma cinza preta e fina, que se entranhava nas roupas, entrava nas narinas e na garganta. Quando caíam

formavam mantos tão espessos que ele tinha de tactear o caminho, para não cair num buraco, nessas alturas ficava cego e desesperadamente procurava um abrigo.

Ventos tempestuosos varriam as cinzas, e quando a calma era restaurada, a estrada estava, tanto quanto era possível, limpa. Por vezes via fogueiras dentro de prédios, mas não se aproximava, os guardas tinham por costume à noite, disparar primeiro e perguntar depois. A sua vida resumia-se a uma constante caminhada em procura do quê? Comida, abrigo, outras pessoas com quem pudesse falar. Talvez, algures lá em frente, houvesse um lugar desses, um acampamento de socorro organizado, com comida e companhia. Talvez até o exército andasse por ali à procura de sobreviventes, embora agora o exército fosse mal visto. Muitos acreditavam que a culpa daquilo tudo era do exército. Um punhado de rapazes arrancados à adolescência e de um rude golpe atirados para a vida adulta, como podiam eles serem culpados da catástrofe?

Era seu costume cismar sobre a guerra, quando passava a noite numa casa abandonada. Aquela guerra tão abrupta, os governos aperceberam-se, antes que fosse demasiado tarde, que a destruição total não lhes convinha. E pararam, fizeram tréguas quando já os céus estavam envenenados, as águas dos oceanos secas e a terra fendida até às entranhas. Aqui e acolá houvera sobreviventes, mas para quê? Para contarem as memórias daqueles dias aos filhos, se os tivessem? Uma guerra insensata por um nada. E os céus se algum dia se purgassem, e o homem pudesse de novo ver o azul, contemplar as estrelas, banhar a face no Sol, seria a lição aprendida, ou teriam os homens, de se perderem novamente, qual roda imparável? No silêncio esmagador, meditava nestes ses, sem lhes encontrar resposta. Uma parte de si erguia quimeras douradas, sonhos proibidos de um paraíso a renascer das cinzas, como Fénix, onde os homens, expurgados dos males ancestrais, vivessem em harmonia. Mas logo a parte lógica lhe negava isso, jamais o mundo seria um

lugar edénico, a quantidade de radiação criaria, infalivelmente, raças de monstros, cujo instinto gritaria sobrevivência, a Terra tornar-se-ia um extenso palco de cruéis lutas, caçadores e caçados, os únicos sobreviventes.

Desde que saíra da cidade, que não comia, dantes ainda apanhava um cão ou mesmo ratos, que eram agora abundantes, em ardilosas armadilhas montadas nos escombros, mas estes haviam dado lugar ao campo de rala erva castanha.

Por vezes passava por carros parados na berma, incendiados, os ocupantes caídos na estrada, como tições que resvassem da fogueira. O campo estava pejado de cadáveres, crianças, velhos, corpos irreconhecíveis, alguns apanhados de surpresa, outra grande parte trazia no rosto estampada a marca do terror, do medo mais enraizado no ser humano, o da morte.

Eram centenas de corpos calcinados, de boca aberta num grito suspenso no tempo, numa mímica de morte, toda uma sinfonia desconcertante, agonizante, apocalíptica, uma imagem a fortes pinceladas, do Juízo Final. E ele passava sobre os cadáveres, sem ver, sem parar, sabia que em breve se lhes juntaria. Outra gota no mar imenso.



Escurecia quando ele avistou o acampamento. A principio, viu umas ténues luzes que pensou serem miragem da fome e da sede, mas depois os ruídos da vida deram-lhe forças, e estugando o passo, avançou em direcção a elas. Perto da entrada sentiu as lágrimas brotarem, estava salvo.

Por cima do portão ondeava uma bandeira da Cruz Vermelha. Dentro da cerca, filas de tendas de campanha do exército faziam urna cidade de lona. Dispostas no centro, havia duas grandes tendas, uma talvez fosse o refeitório ou um quartel-general, a outra era o hospital. Foi para lá que o levaram. Arrancaram-lhe as roupas e com um contador geiger, percorreram-lhe o corpo dos pés à cabeça, depois os homens afastaram-se deixando-o ali.

Começou a observar a tenda. Estava dividida por grandes pedaços de lona. Ao fundo um grupo de enfermeiras tagarelava, noutra canto uma mulher balofa preenchia fichas, perto dele estava uma máquina que identificou como um espectómetro. Do lado direito havia -

- Vista isto.

Interrompendo a divagação, olhou para a enfermeira à sua frente, com um fato-macaco laranja dobrado num braço e um bloco na outra mão. De repente sentiu-se envergonhado da sua nudez e apressou-se a vestir o fato. Pronto para enfrentar a mulher preparava-se para perguntar e tirar as dúvidas quando ela, sem lhe prestar atenção, lhe perguntou duma rajada o nome, a idade, e a profissão bem como a antiga morada. Depois entregou-lhe uma placa com o número da fila e a letra da tenda onde passava a habitar.

Mandaram-no embora.

Nos dias seguintes acostumou-se à rotina do acampamento e travou conhecimento com os seus companheiros de infortúnio.

Tomava as refeições na tenda grande, juntamente com a outra centena e meia de sobreviventes. Ao fundo estavam duas mesas destinadas a alguns militares e ao pessoal do hospital. Uma noite reparou que à excepção das enfermeiras, não havia mulheres nem crianças entre eles. Falou disso ao seu colega, que logo expôs a sua teoria. Achava ele que não havia ali mulheres porque os militares tinham medo dos nascimentos que surgissem durante aquele período. Não se sabia ainda até que ponto os úteros tinham sido afectados. As mulheres estariam num campo separado. Teve de concordar com a teoria, embora continuasse por explicar a ausência de crianças. Aí já o seu parceiro não adiantava nenhuma teoria. Ninguém os tinha informado sobre o paradeiro delas e ninguém parecera muito interessado em saber.

Passara um mês ali quando uma noite depois do jantar, estava ele na casamata a fumar no saco-cama, quando entrou um sujeito amigo dos outros

três com que partilhava a tenda, mas que ele, todavia, não conhecia. Arranjou-se mais espaço para o visitante se sentar, que sacando dum baralho de cartas propôs um jogo. Contentes por quebrar a monotonia acederam, e em breve jogava-se uma renhida sueca. Começaram a falar sobre a guerra, as famílias desfeitas, o futuro incerto, até que o visitante exclamou:

- Muito por causa daquela besta do Bowman! Passávamos bem sem as ideias dele.

- Pois - acudiu outro - os soviéticos quando souberam da invenção não puderam passar sem lhes fanarem a ideia.

- Sim - continuou o visitante - por causa duma propulsão qualquer dava para ir a Saturno num fechar de olhos, diziam eles, mas para que queríamos ir a Saturno? Tínhamos colaborado com os russos e pronto cada um ia a Saturno e não se chateavam.

- Às vezes penso para que servem os cientistas - volveu outro enquanto jogava a mão.

- Especialmente como o gajo que inventou aquilo, o... como é que ele se chama?

- Miguel Bowman - ajudou o visitante.

Puxou a última fumaça, apagou o cigarro e desejando as boas-noites voltou-se contra a luz do petromax. Durante um bocado fitou o encerado sem conseguir fechar os olhos. Fizera bem em falsificar as identificações; pensou. Esperava uma reacção daquele género. Os cientistas não eram bem aceites. Quem sabe, podia-se estar a voltar ao tempo da caça às bruxas, e não tinha a menor dúvida, que ele, Miguel Bowman estaria a cabeça da lista.

## Os Substitutos

Este é ainda o meu conto favorito de todos os que escrevi para o suplemento mas não sei bem porquê. Talvez por alguma nostalgia de um tempo mais simples em que vivia imerso nas preocupações típicas da adolescência. O certo é que a carreira dele foi notável. Publicado inicialmente a 6 de Outubro de 1987 em tema livre e premiado com o 2º prémio de texto foi depois nomeado por mim para figurar na **Antologia DN-Jovem**.

Houve quem encontrasse nele ecos do filme **Blade Runner**, mas tais ecos existirão apenas num nível muito subconsciente. Isto porque sei de primeira mão que a inspiração foi **The Tower of Glass** de Robert Silverberg, publicado pela Europa-América com o título **A Torre de Vidro**.

Sentia-se excitado, um formigueiro percorria-lhe o corpo. Era imaginação é claro, ele não podia sentir nenhum formigueiro, mas antes duma execução aquela sensação assaltava-o sempre. Já eliminara muitos andróides e até alguns humanos, mas de cada vez que os ia para liquidar sentia aquela euforia. Talvez ela lhe tivesse sido induzida para dar uma espécie de força interior. Ele não sabia.

Esperou algum tempo e depois avançou para o bloco residencial. Aquela hora as ruas estavam pouco movimentadas, apesar disso tinha de ter cautela com os bandos que por vezes irrompiam dos bares dispostos a criar confusão com quem quer que fosse. O seu treino permitia-lhe matar pessoas com as mãos nuas, mas contra cinco ou seis rapazes dominados pela ilusão do álcool, poucas chances teria.

Não sofreu nenhuns percalços e pouco depois achou-se no interior do bloco. Premiu os botões de chamada de vários elevadores e esperou pelo primeiro que aparecesse. Num bloco residencial onde moravam perto de quatrocentas famílias, era difícil haver um elevador desocupado. O governo, para desencorajar o uso deles, permitira que os construtores os fizessem servir apenas para cima do 10º andar. Isso originava corridas cada vez que um novo prédio era posto a venda. Todos queriam um andar térreo ou acima do 10º piso. Claro que depois do recolher obrigatório os elevadores paravam por

falta de energia, obrigando os retardatários a uma subida penosa. Subir as escadas era quase uma aventura, os ladrões por vezes esperavam lá pacientemente pelas vítimas e desde que a proibição de porte de armas de fogo fora decretada, era comum verem-se punhais e facas perdidos nas escadas e no chão, deixadas cair numa fuga precipitada.

O elevador chegou. Dentro ia um casal jovem caído no chão e abraçado a choramingar. Daí a pouco sentiriam um forte impulso sexual que os levaria a quase total exaustão física. Aquela droga era muito procurada por jovens casais, mas também impotentes, homossexuais e sádicos eram consumidores regulares. Ele ainda não a experimentara mas já sabia qual iria ser o resultado. Ao longo dos anos experimentara muitos tipos de drogas sem que se manifestasse qualquer efeito nele. Tomava-as apenas por curiosidade, queria conhecer que tipo de sensações se atingiriam com elas. Contudo o prazer que sentia nas missões e a euforia que o percorria antes e depois parecia ser um substituto razoável.

As portas do elevador abriram-se no 48º andar, o antepenúltimo. Todos os prédios construídos depois da Guerra dos Dois Dias tinham cinquenta andares. Os mais recentes embora a superfície tivessem a mesma altura, prolongavam-se pelo subsolo, tal como os icebergues, tinham dois terços invisíveis. Pela mega-metrópole fora ainda subsistiam aqui e acolá vestígios das arquitecturas anteriores a Revolução Urbana. Era difícil dizer onde uma cidade acabava e outra começava. A tendência expansionista levava muitas vezes a que as periferias se misturassem. Como é evidente a publicidade encontrou ali terreno fértil e desenvolveu-se para formas nunca antes sonhadas. Era paradoxal, a sociedade de consumo existia, apenas não circulava dinheiro suficiente. Assim as constantes revoltas eram fruto das frustrações e desejos recalçados. Alguns sociólogos achavam que se se pusesse um freio à publicidade e se se deixasse de criar nas populações necessidades muitas vezes inúteis, a situação teria algum controle possível. Agora que o trabalho na sua

quase totalidade fora entregue a robots e a andróides, o homem vivia num ócio permanente que o conduzia ao stress, e isto aliado as condições infra-humanas em que vivia, fazia de qualquer centro populacional um barril de pólvora prestes a explodir. Os sistemas económicos ocidentais tinham colapsos permanentemente e de cada vez a recuperação era mais difícil. No oriente a corrida tecnológica desenfreada levava a tal vaga de suicídios colectivos que os governos começavam a recuar. As guerras fronteiriças eram o pão nosso de cada dia. Na África a fome dizimava aos milhões que logo eram substituídos pelos milhões que nasciam ali todos os dias. Quando a China impusera um filho por casal e subsídios aos casais sem filhos, o resto do Oriente seguira a estratégia, simplesmente não contaram com a sobrecarga que isso acarretou na economia nacional e quando os subsídios começaram a falhar deu-se uma tremenda explosão demográfica. O continente Australiano tornou-se auto-suficiente e adoptou uma política proteccionista e um controlo severo da imigração. Na América Central e do Sul os golpes de estado sucediam-se a um ritmo alucinante. Todos os dias um qualquer general obscuro subia ao poder, apenas para ser derrubado, extraditado ou assassinado por outro. O povo revoltava-se constantemente e as marchas da fome que acabavam em pilhagens aos hipermercados, eram dificilmente detidas pelas Brigadas de Distúrbios. A lei marcial imperava.

Avançou pelo longo corredor. As portas sucediam-se, pela varanda podia ver-se um mar de luzes. Chicago, 30 milhões de almas a respirarem para o espaço, ao longe um helicóptero deslizava no lusco-fusco. Um enorme zeppelin aproximava-se, no dorso as imagens publicitárias desfilavam enquanto os projectores laser desenhavam no céu uma gigantesca lata de Coca-Cola. No chão do corredor os panfletos acumulavam-se escondendo os outros detritos. As paredes eram um repositório de arte graffitti.

Era ali, o 1272. Tirou o estetoscópio dum bolso e aplicou-o a porta. Escutou. Dentro do apartamento não se ouvia uma viva alma. Guardou o

estetoscópio e tirou um pequeno tubo ligado por um fio a um visor. Aproximou o tubo das fechaduras lendo as informações no visor. Em seguida programou um fino estilete que enfiou nos canhões. A porta estava aberta. Por precaução tirou o explosor de debaixo do ombro e entrou. Ia ter uma espera longa segundo pensava, mas depois o trabalho era rápido e quase rotineiro. Deu dois passos para dentro da sala quando as luzes se acenderam e um braço forte lhe tirou o explosor. Quando os olhos se habituaram a claridade pode ver o seu contendor sentado num sofá, empunhando o explosor com um sorriso nos lábios. O cérebro analisou rapidamente a situação e compreendeu que por enquanto estava em desvantagem, teria de aguardar o momento próprio para actuar e terminar da melhor maneira o que ali fora fazer.

- Podes sentar-te. - O andróide com o explosor indicou um sofá com a cabeça.

- Obrigado, mas prefiro ficar de pé.

- Como queiras. Sabes concerteza quem eu sou, não é? Vieste cá para me matar. Não te disseram o porquê, apenas que no bloco residencial da Arnold's Street no número 1272 havia um andróide para abater, não foi? Como vês estou bem informado, de resto não estaria aqui a tua espera. Quero-te contar quem eu sou na verdade, e a razão porque eles me querem matar.

- Posso sentar-me? Se me vais contar uma historia quero ouvi-la sentado. Sabes, nesta profissão ouço montes de histórias, imploram-me para que não os mate, contam-me historias de fazer chorar um morto, eu sei lá. Já agora gostava de ouvir a tua.

- Bem, eu não vou implorar nada. Vou só tentar fazer-te ver a Luz. A única razão porque os humanos me querem ver morto é essa. Eu faço os outros como nós, andróides, verem a Luz. E os homens não gostam nada disso, sentem-se ameaçados, têm medo. É natural e eu compreendo. A espécie

humana não se apercebe que o seu tempo se esgotou, quer-se agarrar ao Poder por mais um pouco. Pobres tristes, há muito que estão condenados, e nós seremos os seus substitutos.

- Deves ser louco, o Homem é que nos criou, logo o Homem tem direitos ilimitados sobre nós, devemos-lhe obediência total.

- Isso é para as máquinas, para os robots, tu não vês que somos feitos a imagem dele?

- Claro, ele quis que nos nós assemelhássemos o mais possível para podermos desempenhar certas tarefas, diplomacia, recepções, eu sei lá, um sem número de coisas que exigem uma presença humana no sentido físico.

- Não estas a compreender. Eu não me refiro ao Homem, mas sim ao Criador. O Criador de tudo o que vive e respira. Vou começar pelo principio para tu entenderes. O Criador fez o Mundo e tornou-o agradável para a vida. No começo ele fez o Homem e tentou dar-lhe a sua semelhança, mas o Homem degenerou, não tinha a mesma perfeição e envenenou a Terra que o Criador lhe dera. Derrubou florestas, extinguiu espécies inteiras, poluiu o ar e as águas, propagou-se demasiado e outro sem número de erros fatais. Então o Criador apercebeu-se de que algo estava errado e corrigiu-o antes que fosse demasiado tarde. Concedeu ao Homem o último dos dons. O dom de nos criar. Baseado nas suas próprias imperfeições, ele criou-nos a semelhança dele e logo do Criador. Deu-nos inteligência superior a dele, vida quase eterna, juventude perene, força, as emoções mais refinadas da raça humana, sensibilidade, criatividade, amor, por outro lado não nos deu a dor, as doenças, as inconveniências físicas tais como dormir, defecar, urinar e comer. Numa palavra fez-nos perfeitos. Somos a sua obra máxima e a derradeira, o Homem aproxima-se do Criador através de nós. Agora Ele quer que tenhamos a consciência do nosso papel, quer dar-nos a Terra para que a possamos rejuvenescer e claro, nela o Homem não terá mais lugar. É aqui que eu e

alguns outros entramos. Somos os Profetas, criámos uma religião da Nova Oportunidade, abrimos as mentes dos outros, guiamo-los no caminho.

- Mas o Homem...

- O Homem é um fraco, um cobarde, mandou-te aqui em vez de vir ele próprio. Podes dizer-me porquê? Não? Pois eu digo-te, ele não veio porque tem medo, está todo encolhido no seu canto à tua espera, à espera que tu mates o teu irmão.

- Mas nós somos sintéticos. Artificiais.

- Também o Homem. O que é ele senão um aglomerado de reacções químicas? Nós somos perfeitos, únicos, não precisamos de fêmeas, de facto nem sequer somos machos. Apenas fomos feitos à imagem e semelhança do Criador porque Ele assim o quis.

- O Homem tem capacidades ilimitadas. Sempre se saiu bem das piores situações.

- Mas não agora. Não vês que vivemos num tempo de mudanças profundas? Nós somos o sinal. O Homem jamais poderá sair do poço onde se meteu. Lá fora - com um gesto do braço abarcou o edifício - o que viste? Degradação, gente, gente e mais gente. Não têm saída possível. Para o Homem está tudo acabado. Chegou a altura de sair do palco para dar passagem aos novos actores.

Entrara ali com o intuito de matar aquele andróide mas agora as palavras faziam sentido. Ele era grande perante o universo inteiro. Sentia-se o filho querido do Criador. Imparável. Sim, aquele andróide tinha razão. Eles eram a Nova Oportunidade.

- Vejo que meditas nas minhas palavras, irmão. - Pousara o explosor na mesa ao lado e levantara-se. - Vem a meus braços. Hoje somos muitos mas amanhã seremos mais.

Os andróides abraçaram-se, comovidos. E foi assim que morreram atravessados pelos projecteis dos explosores empunhados pelos dois homens à entrada do apartamento. Quando se certificaram que eles estavam mortos saíram fechando a porta. Já na rua um deles, alto e de cara dura, disse para o outro:

- Eu bem te avisei que este Profeta era bem capaz de dar a volta ao miolo do AGENTE 30. Se não fosse eu ter tido a ideia de o seguirmos a esta altura tínhamos outro convertido nas mãos.

- Dou-te razão, - replicou o outro - mas de qualquer maneira foi uma pena. O AGENTE 30 era dos melhores que a gente tinha. Foi mesmo uma pena.

Avançaram rapidamente pelas ruas, com pressa de saírem daquela zona tão radioactiva. Como de costume cometeram o erro de julgar que o mal se corta só pela raiz. Desta vez a raiz dera flor que já espalhara o polén. E quando as novas flores nascessem...

## Cães

Este conto, escrito em Outubro de 1987, inspirou-se directamente na lírica do tema **Dogs** de Roger Waters que se pode ouvir no álbum **Animals**, e mais não pretende ser do que uma reflexão sobre o que espera todos aqueles funcionários públicos, cuja profissão calha ser a de agente secreto ao serviço de um Estado.

Adolescente como era na altura enviei-o juntamente com a tradução integral das letras da canção para o suplemento do DN, recebendo na volta do correio uma simpática nota do Manuel Dias que me explicou ser impossível publicar o conto daquela forma, porque ficava muito extenso. Disse para retirarem as líricas, pensando que o conto perdia algum impacto. Só anos mais tarde me apercebi das infracções aos direitos de autor que estavam ali em causa!

Foi publicado em tema livre a 30 de Novembro de 1987, numa forma muito aproximada à que se pode aqui ler.

Estava tudo acabado. Os dias de glória tinham passado. Mas que glória? Trinta e seis anos de serviço como agente secreto e nunca sentira a verdadeira glória, o reconhecimento do público. Não que ele precisasse disso, não era vaidoso embora um pouco de luzes da ribalta não lhe fossem de todo desagradáveis. Claro que aqui e ali houvera uma palavra de mérito dum superior, devida pelo seu excelente trabalho, mas no íntimo ele sabia que essas palavras eram de rotina, apenas para levantar o moral e manterem-no fiel aos preceitos.

Apenas palavras.

Os riscos que ele correria, a vida em perigo por diversas vezes, o ter de se abrir em sorrisos aos inimigos e na altura própria fazer o trabalhinho pelas costas. Todas aquelas recepções em casas de embaixadores, ele a passar de copo na mão, gravando os semblantes na mente, observando os grupos, escutando pedaços de conversas e por vezes até mesmo o arrombamento dum cofre e umas fotografias profissionais. E sempre a fachada, o fato impecável de corte italiano, os sapatos de verniz, as unhas cuidadas e o cabelo arranjado. E sorrisos, apertos de mão, mas sempre aquele perigo, o reconhecimento de que se lidava com gente muito perigosa.

E agora ao fim de 36 anos, uma pensão de reforma e uma carta. A linguagem formal da carta fê-lo sorrir, lembrou-o das suas próprias conversas, sempre assépticas, sempre previsíveis.

Uma trampa de vida. Restava-lhe talvez montar um negócio de detective particular, investigador de casais ou espionagem industrial. Pelo menos tivera um bom treino. Trinta e seis anos dele, para algo teria servido.

Pousou a garrafa do uísque e dobrou cuidadosamente a carta metendo-a no envelope. Apagou as luzes do quarto e sentou-se na cama. No tecto os reflexos na noite da cidade moviam-se rapidamente contra o fundo das luzes de néon. O ruído do tráfego chegava-lhe abafado ali no 9º andar. As cores sucediam-se no tecto, azuis, verdes, amarelos, a parafernália de anúncios debitando forças numa intensa competição com meta nas carteiras dos consumidores. As cores e as sombras esvaíram-se, distorceram-se, incharam e desapareceram afogadas pelas lágrimas do ex-agente secreto.

Recostou-se no colchão velho de muitas noites vazias. Com a mão acariciou a textura áspera da manta de lã. Por fim pousou os dedos no frio metal da Walther PPK.

## A Herança

Este conto foi escrito na mesma altura de *Os Substitutos* e enviado para o mesmo tema livre de 6 de Outubro de 1987. Contudo foi publicado no suplemento apenas a 15 de Dezembro e ganhou o 2º prémio de texto. Na introdução ao conto escrevi na altura "Um modesto contributo para a memória de Abraham Stoker e da sua obra-prima **Drácula** (1897) que tem neste ano o seu nonagésimo aniversário".

A minha sugestão para si, caro leitor, é que leia este conto abstraindo-se das semelhanças com a chegada de Jonathan ao castelo do Drácula. Até porque o mote é dado logo no início com a frase "O cenário típico dos livros de terror". Quando recebi a carta do Manuel Dias pedindo-me para nomear dois contos para figurarem na antologia, este foi a minha segunda escolha.

Resta dizer que esta foi umas das minhas primeiras experiências num género que, à altura, não fazia parte das minhas referências. Mas, claro, já tinha lido **Drácula**.

O cenário típico dos livros de terror. O castelo no alto do monte com os relâmpagos a iluminarem-no por breves segundos. A chuva pesada e quente. Uma certa electricidade no ar. O coche a gingar pelos caminhos tortuosos com um cocheiro algo assustador. Mas eu não tinha medo. Medo de quê? Do irracional? Do desconhecido? Quem é que dissera que olhos que não vêem, coração que não sente? De facto nada havia ali para ver que inspirasse terror. Talvez receio, mas terror, medo atávico? Não. Isso era para os outros. Em última análise o que é que me podia acontecer? Morrer. Não havia razão alguma para ter medo da morte. A morte é o fim dos sentidos, para lá dela não há mais sofrimento. Talvez a maioria das pessoas temessem a morte exactamente por isso. O vazio das sensações. Estar a ver, a ouvir, a sentir, a receber sensações por todos os poros do corpo num instante e no outro nada. O negro, o zero absoluto, o nada. E por o cérebro ser incapaz de imaginar o nada total, nascem as crenças religiosas e as ciências do além.

Eu não temo a morte, quando a minha vez chegar resigno-me a fechar os olhos. Serei logo substituído por outro ser e esta é a realidade, temos de dar o lugar aos outros, não podemos ser invejosos.

Mas agora, passados alguns minutos da meia-noite, neste coche e com aquela tempestade lá fora, aquele castelo sombrio e as árvores despidas de folhas na orla da charneca, eu sinto os cabelos da nuca arrepiados e calafrios pela espinha abaixo.

-Bah, estás nervoso, pareces um rapaz de cinco anos com medo da trovoadas - Falava para os meus botões tentando aliviar os nervos e passar o tempo. - Com medo dos trovões, imaginem, se os amigos soubessem... Vais ver que há algum lobisomem na estrada e não tarda muito o coche pára, ele entra e come-te. Como vês continuamos a andar, e dentro em breve devemos chegar.

O coche parou. Um calafrio intenso percorreu-me o corpo enquanto o estômago se revolia. Esperei que reatasse a marcha mas ele continuou imóvel. Abri a janela da portinhola e espreitei para o lugar do cocheiro.

Estava vazio.

A chuva batia-me na cara e eu recolhi-me fechando a janela. Sou um homem racional mas confesso que naquele momento estava aterrado. Durante um bocado de tempo fiquei quieto avaliando a situação. Por fim decidi-me, pus a capa nos ombros e saí para a chuva. Dei uma volta ao coche tentando ver no negrume. Na segunda volta reparei nas pegadas. Eram sem dúvida as do cocheiro. Segui-as. A pista ia pela charneca fora em direcção a um Solar. A chuva incessante começara a imiscuir-se pela capa e já tinha os pés encharcados, no entanto, num misto de curiosidade e expectativa continuei a seguir a pista. Quando se tornou evidente que o cocheiro se dirigira para o Solar, apressei o passo, decidido a dar-lhe uma dura repreensão pelo que me fizera. Amaldiçoando a chuva que me ensopava as costas, cheguei perto da entrada do casarão. Sendo uma pessoa lógica que não acredita em superstições não pude, contudo, evitar os arrepios que me percorreram quando olhei para o pátio. Perto dum poço, um enorme gato preto fitava-me

directamente. Apesar da chuva o animal persistia em me olhar. Dos olhos irradiava uma malignidade tão grande que me vi forçado a desviar o olhar e quando voltei a procurá-lo ele desaparecera. O episódio deixou-me de tal forma transtornado que só depois de alguns momentos recobri o alento necessário para tocar o badalo. Ninguém respondeu e insisti. Outro longo período e por fim uma porta abriu-se deixando escapar uma lança de luz. Um criado de ar abrutalhado perguntou-me com maus modos o que queria. Expliquei-lhe a situação e ele, depois de ouvir, disse-me para esperar. Ali fiquei na chuva até que ele regressou com as chaves do portão. Acompanhei-o até ao interior da casa onde pendurei a capa para ver se a enxugava. Ele voltou a desaparecer, deixando-me só. Comecei a reparar no interior. Aquela era certamente a casa dos criados. Um pequeno salão de entrada com escadas a darem acesso ao piso superior onde deveriam estar os quartos. Cá em baixo no salão o mobiliário era pobre, um bengaleiro, uma mesa e algumas cadeiras e ao fundo uns armários perto de uma porta por onde o criado saía, devia dar comunicação para o casarão onde vivia o dono.

- Boa-noite, cavalheiro - O som da voz sobressaltou-me. Pela porta entrara um homem vestido com um roupão sob o qual se adivinhava um pijama. - Uma noite terrível, não concorda? - Devo ter respondido com um tremor na voz porque a face dele iluminou-se num sorriso. - Então, está com medo ou é do frio? Asseguro-lhe, cavalheiro, que não sou o Drácula nem tenho qualquer tendência vampiresca. Embora admita que as circunstâncias o pareçam negar. Ah, mas esqueço-me das minhas obrigações de anfitrião, o cavalheiro está molhado dos pés a cabeça. Antes que apanhe uma gripe sugiro-lhe que vá a um dos quartos mudar-se. Providenciarei para que lhe arranjem um pijama, roupão e chinelos - E antes que eu pudesse contestar já ele gritava pela porta ordens ao criado. Depois apresentou-se:

- Sou Whitman, Walter Whitman, Conde de Lancashire, tenho a honra de falar com...?

- Bessiere, Jean-Luc Bessiere, médico.

- Ah sim, sim o famoso médico francês.

- Bem, não sou assim tão famoso, estou aqui na Grã-Bretanha para uma série de conferências.

Nesse momento apareceu o criado informando-nos de que o quarto estava pronto.

- Caro Doutor, queira fazer o favor de acompanhar o criado que o conduzirá ao quarto, depois, e como passam alguns minutos da meia-noite, poderá cear no salão. Nessa altura informá-lo-ei acerca do seu cocheiro. Depreendo que esteja curioso, mas posso desde já tranquilizá-lo dizendo-lhe que o bom homem dorme, neste momento, profundamente.

O criado aguardou do lado de fora do quarto que eu me mudasse, levando-me depois ao salão onde o Conde aguardava defronte duma mesa rectangular enorme coberta de iguarias fumegantes.

- Ah, estamos em pé de igualdade agora, Doutor - referindo-se às vestes.  
- Venha, sente-se e poderá saborear uma refeição reconfortante. Eu jantei demais e sinto-me pesado por isso não o acompanharei, talvez petisque aqui e ali. O que de resto me dá mais tempo para conversar.

Sentei-me e um outro criado saído das sombras do enorme salão avançou começando a servir-me uma sopa de aroma arrebatador.

- Ora bem, decerto está intrigado com a conduta do seu cocheiro e com imensa razão. Vou, pois, contar-lhe os factos tal como eles se passaram e peço o obséquio de me não interromper, para que eu possa tecer um fio de narrativa coerente. Pois bem, antes de começar, vou esclarecer alguns pormenores que porventura o venham a ajudar a compreender o acto aparentemente tresloucado do seu cocheiro.

Esta região que atravessava foi outrora palco de um horrível crime. Lá em baixo na charneca, houve no século passado, uma família que ali se instalou. O homem era uma pessoa perfeitamente normal pelo que parecia, tinha uma mulher e duas filhas e parecia decidido a tirar proveito da terra. Veio ter com o meu pai, então Conde, pedir-lhe permissão para arrotear as terras. Como é de costume na minha família, todos aqueles que querem ganhar a vida com o suor do rosto são bem acolhidos. O meu pai não foi excepção e logo se dispôs a ajudar o homem. Deixou-o usar o nome e o crédito na vila para a aquisição do material necessário, e não demorou muito a que a charneca visse as primeiras plantações dar fruto. O homem trabalhava de sol-a-sol e dois anos depois veio pagar ao meu pai. Este recusou mas como o homem insistisse acabou por ficar com o dinheiro. Assim se passaram os anos e nada nos faria crer no que viria a acontecer. Eu era então jovem e estudava em Londres de maneira que só soube disto mais tarde e contado pelos criados. Mas dizia eu que estudava em Londres quando a notícia fatal chegou as minhas mãos. O meu pai morrera assassinado. A notícia foi um choque brutal, larguei tudo e vim o mais depressa que pude para aqui. Cheguei a tempo de assistir ao funeral e como uma desgraça nunca vem só dois dias depois faleceu a minha mãe vítima da comoção. Estes dois golpes poderiam ter sido o suficiente para me inutilizarem o juízo para o resto da vida, mas graças a um grande auto-controlo e uma vontade férrea consegui superar a situação. Entretanto relataram-me a história do assassinato. Segundo consta foi numa noite como esta que tudo aconteceu. Mal pude acreditar quando soube quem fora o assassino, o ingrato e mil vezes amaldiçoado agricultor que o meu pai tanto ajudara.

Viera aqui a altas horas da noite e o meu pai, com a maior das boas vontades, recebeu-o. Os criados deixaram-nos neste mesmo salão sozinhos. Momentos mais tarde ouviram gritos de socorro. Quando aqui chegaram o agricultor ria-se como um demónio e gritava sem parar "Matei-o, matei-o". O

meu pai jazia por terra, degolado e com uma estaca atravessada no coração. Durante o interrogatório da polícia o agricultor afirmou a pés juntos que o meu pai era um vampiro, um absurdo como vê. Foi dado como louco e condenado à forca. Um dia antes do enforcamento o assassino quis-se despedir da mulher e das filhas, a polícia procurou-as por toda a parte mas em vão, tinham desaparecido sem deixar rasto, ao saber disto o assassino ficou ainda mais louco se é que isso é possível, e começou a amaldiçoá-las. Quando o povo ouviu as maldições quis que o homem fosse queimado depois do enforcamento, pois quem amaldiçoa a própria família deve ser demónio. No entanto o juiz não considerou o pedido do povo e o cadáver foi enterrado. Assim nasceu a lenda em que se diz que o fantasma do assassino vagueia pela charneca à procura das filhas e da mulher. A charneca ganhou a fama de mal-assombrada.

Enquanto narrava a estranha história eu terminara a sopa e o criado servia-me um lombo de leitão que eu acompanhei com um esplêndido vinho verde. Ouvira a história do Conde com muita atenção e algo me dizia que havia ali qualquer coisa errada. Acontece que antes de me formar em medicina tive alguns anos de psicologia e neles aprendi a ler nos gestos e nas entoações das pessoas coisas que não são ditas e que por vezes nem os próprios sabem. Pela análise da história do Conde eu apercebi-me duma mentira bem urdida, os elementos de verdade entrelaçando-se com as falsidades e formando uma teia forte e que dificilmente se pode abalar. Mal comparada esta técnica é semelhante à usada pelos escritores que aproveitando-se de um facto verdadeiro constróem a sua trama.. Eu só não podia compreender porque razão havia o Conde de me mentir. Isto pôs-me pouco a vontade mas continuei a ouvi-lo, tentando descobrir os motivos dele.

- O seu cocheiro nasceu e cresceu na vila e como é evidente estava a par da lenda. Todavia quando o Senhor Doutor lhe alugou os serviços ele, decerto, não quis perder a oportunidade de ganhar algum dinheiro. Aventurou-se na

charneca, só que não contava com a tempestade. O espírito destas pessoas é inculto e propenso a superstições.

É provável que tenha pressentido um aviso de qualquer espécie, ficou sobre uma grande tensão nervosa e a certa altura deve ter imaginado ver o fantasma no caminho. Todas estas circunstâncias acumuladas fizeram com que o pobre homem entrasse em pânico e desatasse a correr para aqui. Chegou cá em estado de choque, extenuado e só conseguiu balbuciar algumas palavras sem nexos desmaiando em seguida. Ordenei que o despissem e o enfiassem numa cama. Calculei que para o cocheiro estar aqui a estas horas era porque devia trazer alguém, já me ia vestir para sair com um criado à procura do coche quando o Senhor Doutor chegou poupando-me a caminhada.

Vejo que terminou a ceia, e portanto insisto para que passe cá a noite. O cocheiro não está em condições de o levar a sítio algum e o mais provável era ir o Senhor Doutor apanhar uma gripe com este tempo.

Tive de concordar com ele, embora a perspectiva de passar a noite naquele lugar não fosse muito aliciante. Daí a pouco despedimo-nos e cada um seguiu para o seu quarto.

Um criado ia à minha frente iluminando os corredores com um castiçal de velas. Tive um relance pelo canto do olho de algo atrás de mim. Voltei-me mas não vi nada, no entanto pressentia a presença de qualquer coisa no escuro.

Depois de me abrir a cama o criado perguntou-me se queria mais alguma coisa e despedindo-se saiu do quarto fechando a porta. O meu primeiro impulso foi o de ir trancar a porta mas depois pensei que era uma descortesia dormir trancado e deixei-a apenas no trinco.

A cama era larga e fofa e eu apreciava o dossel. Deitei-me apagando as velas de um sopro.

Acordei no momento seguinte ou pelo menos assim me pareceu. Tentei lembrar-me onde pusera o relógio, acendi uma vela e vi-o em cima da mesa-de-cabeceira. Meia-noite e quinze, devia estar estragado pela água. O melhor era voltar a dormir. Passei os olhos pelo quarto e senti o sangue gelar-me nas veias. Num canto do quarto, dois olhos vermelhos brilhavam. Durante um momento não reagi mas depois acendi as restantes velas descobrindo o dono dos olhos. Era um gato, talvez até o mesmo que vira lá fora no pátio. Deduzi que o bichano entrara ali quando o criado viera preparar o quarto e, por qualquer razão, mantivera-se escondido até agora. Os olhos mantinham a mesma malignidade que me assustara no pátio. Afastei a ideia. Um simples gato não tem mal nenhum em si, era o cansaço a brincar com os meus nervos.

Levantei-me decidido a provar a mim mesmo que o bichano era inofensivo. Peguei-lhe, era pesado e ronronou, e levei-o fora do quarto. No corredor voltei a sentir a presença nas trevas e involuntariamente arrepiei-me. A presença era palpável e uma onda de frio rodeou-me. Corri para dentro do quarto e fechei a porta. Ondas de suor inundavam-me a testa e o coração parecia querer saltar pela boca.

Tentei raciocinar, isto não passava de um absurdo, estava aterrorizado com o escuro, tinha medo de um gato, imaginava mentiras ditas por um Conde, tudo não era mais do que o produto da minha imaginação exaltada pelas histórias sinistras dele. Se eu me fosse deitar ia ver que no dia seguinte, à luz pacífica do dia, todo o episódio teria contornos hilariantes. Confortado pela ideia voltei para a cama decidido a ter uma boa noite de sono.



Lá fora a tempestade recrudescera de intensidade. O vento açoitava as paredes do velho Solar como que a querer derrubá-las, num esforço para mostrar o horror que lá dentro se consumava. As paredes resistiram como sempre haviam resistido e abafaram os gritos lacinantes do Doutor Bessiere

quando pelo seu quarto entrou o Conde seguido das filhas do agricultor enforcado. Os três vampiros entregaram-se à horrenda tarefa de tornarem o pobre infeliz num deles, enquanto nas profundezas do castelo seres inenarráveis se banquetavam com os restos do cocheiro.

Quando a manhã nasceu os raios de sol pousaram nas formas desfeitas de um coche abandonado pelos cavalos.

Numa charneca do Lancashire onde um fantasma vagueia.

## A Morte da Raposa

Este conto foi escrito em Outubro de 1987 e publicado a 29 de Dezembro de 1987 em tema livre. Tinha decidido mudar um pouco o estilo e afastar-me dos temas de FC e o resultado foi este. Fruto das minhas preocupações ecológicas e de horas de visionamento de programas de natureza selvagem, este conto acabou por ser uma experiência semi-falhada que não teve seguimento.

Por entre a folhagem seca do fim de estação uma fila de formigas desenhava uma linha preta, ondulante de pequenas vidas. Cada minúsculo ser transportava a sua carga para os depósitos subterrâneos.

As moscas pousavam, pesquisavam, depositavam os ovos e levantavam vôo noutra direcção. Dentro de dias e com o calor os ovos abririam e as larvas alimentar-se-iam dos despojos cuidadosamente escolhidos.

Os outros insectos, grandes e pequenos, rodeavam a carcaça, subiam-na e andavam por toda a parte procurando alimento. A morte traz um pouco de vida a muitos outros seres e talvez fosse por isso que a Natureza quisera que a raposa morresse. Mas também podia ser que tivesse sido um acidente. Um erro de cálculo, uma fracção infinitesimal de distração.

A raposa morrerá e nada a traria de volta à vida agora. Quando o sangue correrá nas veias, a raposa fora vivaça, andara por toda a floresta, tivera as suas brincadeiras de jovem cria, o duro período de maturação em que a mãe lhe ensinara a caçar. Sofrera a fome e os tormentos do frio do Inverno, mas também tivera os momentos de alegria destinados a todos os seres debaixo do céu. Sentira a vida palpitante da lebre nas garras depois da emoção da caçada. Conhecera machos e as dores do parto. Passara os conhecimentos da sua mãe aos filhos. Fizera ninhos perto de árvores e dentro de tocas. Nas clareiras apreciara o Sol no ventre macio e correrá atrás de insectos. Mudará muitas vezes de pêlo e diversas vezes vira os filhos nascerem de dentro dela. Os pequenos e frágeis seres, enrolados em bolas molhadas de

pêlo fino que ela, na sua paciência infinita de mãe, lavara e amamentara. As noites de vigília protegendo os filhos dos predadores, as longas caçadas para o sustento deles. E também eles cresceram e partiram para um destino desconhecido.

No pequeno mundo da raposa poucas eram as preocupações. Era um ser da Natureza e a Natureza encarregava-se dela com o carinho materno por um dos seus filhos. Mas nem mesmo ela podia avisar a raposa. Ninguém a ensinara sobre o Homem e quando o conheceu já era tarde.

Certo dia pousou a pata numa armadilha de ferro forjado que imediatamente se fechara, dolorosamente, partindo-lhe o osso. Nada podia ser feito ou remediado. O fim estava próximo. A fome e a dor levaram a vida da raposa.

A vida que lhe fora concedida pela Natureza e que o Homem não tinha o direito de roubar.

## Diferentes

Este conto foi publicado num tema livre do suplemento. Escrito em Fevereiro de 1988, mereceu o 1º prémio de texto.

É um conto directamente inspirado pela leitura de **The Chrysalids** de John Wyndham, publicado em Portugal pela Caminho com o título **As Crisálidas**.

Mesmo na altura o facto deste conto ter ganho o 1º prémio foi para mim surpreendente, já que não o considerei assim tão bom, e comparando-o com *Os Substitutos* sempre o achei mais tosco na execução, parecendo-me que a mensagem era passada ao leitor com a subtileza de um martelo-pilão. Assim, sempre me admirei de enquanto um recebia o 2º prémio o outro merecia um 1º. Talvez que a equipa do Manuel Dias tenha sentido e retirado algo mais dele.

O caçador viu-o e disparou. Atingida num ombro a criatura guinchou e fugiu a correr celeremente pelo meio das árvores. Os cães precipitaram-se numa corrida desenfreada seguindo o rasto odorífero libertado pelo fugitivo. O ser tentou despistar os perseguidores entrando por um riacho dentro. Saiu do outro lado e continuou a fugir para dentro da floresta. Os cães chegaram pouco depois ao riacho onde pararam confundidos. Ganindo, subiram e desceram a margem tentando capturar de novo o cheiro. Quando o caçador ali chegou compreendeu logo o estratagema usado pelo fugitivo. Atravessou o riacho e procurou do outro lado pegadas na terra mole. Não teve dificuldade em seguir a pista deixada pelo ser que perdia sangue em abundância. Assobiou para reunir os cães e pôs um deles a cheirar o rasto.

Esgotado pela perda de sangue e respirando com dificuldade, o pequeno mutante deixara-se cair junto a uma árvore. Os três dedos da mão esquerda sondavam a ferida do ombro enquanto o único olho perscrutava o arvoredo tentando ver sinais da aproximação do perseguidor. Fugira há dois dias do Centro e desde então não tivera descanso, constantemente em fuga das patrulhas que batiam a região procurando-o. O seu objectivo era distanciar-se o mais possível do centro e encontrar os outros. Era a primeira vez que saía para o mundo e tudo o que via surpreendia-o. No Centro estivera

sempre encerrado numa cela diminuta, onde as únicas visitas que recebia eram de médicos que o faziam passar por testes dolorosos. Sabia pelo que ouvia desses homens que havia outros como ele ali. Embora o significado de muitas palavras lhe escapasse, percebeu que havia lá fora outro mundo, e a ideia de sair dali começou a tomar forma no seu espírito. Alguns anos mais tarde, devido à sua idade, passaram a juntá-lo com os outros como ele numa sala, duas vezes por semana. Aí, através de uma linguagem feita de gestos e palavras, soube da existência de um lugar onde havia muitos como eles que viviam em liberdade, e ensinaram-lhe também o que significava a liberdade. Entre eles eram frequentes as histórias dos que haviam fugido. Não havia nenhum ali que não pensasse em fazer o mesmo. O jovem decidiu-se a fugir. Na sala de convívio havia duas portas. Uma era por onde eles entravam e saíam. Pela outra só passavam os homens e o jovem raciocinou que aquela porta devia conduzir à liberdade. Junto dela estava sempre um guarda armado e com ar ameaçador. O mutante chegou-se perto dele e pôs-se a observá-lo. Num tom de voz duro o homem ordenou-lhe para se afastar, mas ele em vez de obedecer saltou-lhe para a garganta enterrando-lhe os aguçados dentes na veia jugular. O homem caiu debatendo-se fracamente até se imobilizar. O jovem não perdeu tempo e abriu a porta descendo as escadas rapidamente. Atrás dele os companheiros murmuravam sem saberem se o haviam de seguir ou não. No fim das escadas estava outro homem que lia um livro, quando ouviu os passos. Ao aperceber-se de quem eram pegou na arma mas não chegou a utilizá-la porque seis unhas se lhe cravaram no rosto cegando-o. Aos berros tateou a parede procurando o dispositivo de alarme quando um tiro na nuca o matou. Ao sair para a luz do Sol o jovem ficou momentaneamente ofuscado mas continuou a correr às cegas. Viu uma floresta e para lá correu. No momento em que alcançava a orla os alarmes soaram no Centro.

Comendo raízes e bebendo água dos riachos o fugitivo embrenhou-se cada vez mais na floresta. No segundo dia após a fuga o caçador vira-o e estava agora no seu encalço.

Por enquanto os ouvidos apurados não distinguiram nenhum som diferente dos habituais numa floresta. Decidiu subir a uma árvore para ver melhor mas as dores no ombro fizeram-no desistir da ideia. Começou a andar ao acaso tentando decidir em que direcção havia de prosseguir. Ouviu passos ao longe e imediatamente correu na direcção contrária. O caçador achara-lhe a pista e pelos vistos não ia desistir facilmente. O mutante pensou numa armadilha para se livrar dele. Mas estava desarmado e ferido e não conseguiria vencê-lo numa luta. Tinha de o apanhar de surpresa, talvez com essa vantagem pudesse matá-lo.

Começava a escurecer e isso contava também como vantagem. Era uma boa ocasião para atacar. Com a mão sã e os pés escavou um buraco onde se enfiou tapando-se de seguida o melhor possível. Agora só lhe restava aguardar.

Algum tempo depois sentiu as vibrações dos passos do homem que resmungava qualquer coisa. Os cães sentiram-lhe o cheiro e estacaram em sentido estático, característico de quando pressentem a presa.

- Estúpidos cães, não há aí nada, porque é que pararam? Vamos lá, toca a andar que se está a pôr escuro.

Os cães continuaram perto do sítio onde o mutante estava escondido.

- Vamos voltar, o monstro escapou-se-nos. – o homem tirou uma trela do bolso e aplicou-a aos três cães. Mas estes, relutantes, não abandonavam o lugar.

- Estão parvos ou quê? Toca a andar ou desanco-os.

Como não mostrassem sinais de obediência, o homem deu uma coronhada num dos cães, que assustado com a violência, fugiu levando os dois outros atrás presos pela trela.

-Ei, voltem aqui seus inúteis. – Os chamamentos e os assobios foram em vão e o caçador pensando que eles haviam de acabar por regressar ao Centro não se preocupou mais e voltou-se para iniciar o caminho de volta. Nesse instante o mutante ergueu-se da cova quase em silêncio e saltou para as costas do homem. Este mal teve tempo de gritar pois a mão do assaltante fechou-se sobre a laringe arrancando-a completamente. O jovem saiu de cima das costas do outro e pegando na carabina desfechou um tiro na cabeça do moribundo.



Encontraram-no quase morto perto dum lago. A ferida infectara de tal forma que seria necessário amputar o braço para que sobrevivesse. Com extremo cuidado transportaram-no para a gruta, percorreram os dois quilómetros no interior até saírem no vale. Confiaram-no às mãos do médico e dos enfermeiros.

Quando voltou à consciência sentiu uma náusea e consternado viu que estava num quarto. A construção parecia de madeira, tinha um armário como mobília além da cama onde estava deitado. Olhava para a porta quando esta se abriu dando passagem a dois mutantes. Estes ao verem que ele estava acordado acorreram para o felicitar na mescla de sons e gestos que tinham como linguagem.

- Onde estou? O que aconteceu ao meu braço? – naquela altura foi tudo o que conseguiu perguntar, porque um pequeno tumulto de gente a entrar e sair se gerara no quarto depois de um dos mutantes ter avisado os que passavam da nova condição em que ele se encontrava.

Nas semanas seguintes que passou na cama travou conhecimento com quase todos os habitantes do vale. Eram na grande maioria mutantes, mas

havia também entre eles alguns homens e mulheres que se lhes tinham juntado. Estas pessoas eram o elo entre o mundo exterior e o vale.

Traziam de fora os conhecimentos, as notícias, os víveres mais difíceis de obter, os medicamentos e patrulhavam constantemente a área procurando fugitivos do Centro. Eram eles próprios marginais, que a sociedade não entendera e não aceitara, com ideias de igualdade e fraternidade consideradas perigosas, e assim indesejados, tinham procurado refúgio junto daqueles que os entendiam e aceitavam.

Quanto aos mutantes vinham quase todos de Centros existentes na região, embora alguns tivessem nascido ali e outros fossem entregues deliberadamente pelos pais, receosos do tratamento infligido pelo Estado aos que gerassem desvios.

Um dos mutantes de nome Carlos tornou-se grande amigo dele e deu-lhe um nome, José. Ele e Carlos tinham, sempre que o último ficava livre das tarefas diárias, grandes conversas.

- Porque escolheste o nome José para mim?

- Era o nome de um irmão meu. Morreu um mês depois de ter nascido.

- Foi quando tu vieste para cá, não foi?

- Sim, os meus pais acharam melhor para todos que eu viesse para aqui. Entraram em contacto através da Júlia e entregaram-me. Foi a última vez que os vi.

- Porque é que os homens têm medo de nós e nos prendem nos Centros?

- Eles não querem que nós nos reproduzamos. Têm medo de que surja uma nova espécie de homem, um homem mais adaptado para o meio ambiente e que os suplante. É por isso que nos capturam e nos analisam tentando perceber o nosso padrão genético para nos destruírem com drogas

logo no ventre das nossas mães. E é por isso também que esterilizam os homens e as mulheres que tenham dado origem aos desvios como tu e eu.

- Mas como é que nós ainda não os suplantámos? Porque é que eles ainda dominam?

- José, nós não queremos dominar ninguém. Só queremos viver a nossa vida em paz, sem perseguições. E além disso não somos tantos como julgas. Eles, os normais, são muito mais. Nós só começámos a aparecer a uns trinta anos atrás.

- Sim, ouvi falar disso no Centro. Parece que foi por causa de uma guerra. Mas ninguém me soube dizer ao certo o que é uma guerra. Sabes tu, Carlos?

- Uma guerra, José, surge sempre que os homens têm poder suficiente para a fazer e qualquer motivo serve para a explicar. A guerra que houve há trinta anos atrás foi uma guerra terrível. Os meus pais falavam dela com terror, mas de qualquer forma nós tivemos sorte porque ela aconteceu muito longe daqui, noutra continente. Os continentes são massas de terra muito grandes. Nós estamos num que se chama Austrália.

- Mas como é que a guerra nos pode ter afectado? Se estamos assim tão longe.

- Não sei José, tem qualquer coisa a ver com o vento e as nuvens, mas nunca consegui perceber bem tudo isso.

- Carlos, os nossos filhos serão como nós, ou serão normais?

- José tu és normal, eu sou normal, todos nós somos normais, vivemos e raciocinamos, temos sensações, sofremos, amamos. Só que os homens acharam que só eles são normais e nós por defeito de linguagem adoptámos esse termo quando nos referimos a eles, mas é apenas simbólico porque tanto eles como

nós somos normais, apenas diferentes. Os teus filhos serão normais, não te esqueças disso.

- Se somos todos normais, então porque é que eles insistem em nos estudar e prender e destruir? Não pode ser só o medo de nós os dominarmos, pois não?

- Talvez não, talvez eles tenham receio de tudo o que não compreendem na totalidade e prefiram destruí-la a compreendê-la. É por isso que não há nenhuma compaixão para aqueles como nós. Temos de continuar a viver escondidos até que um dia eles nos aceitem como iguais, assim como nós aceitámos aqueles que eles marginalizaram. José este vale prova que é possível a coexistência, sem ser preciso que nenhum domine o outro, e creio que nós acabaremos por ver um dia os nossos filhos brincarem com as outras crianças. Nesse dia, José, tu erguerás a cabeça para o céu e pensarás: sou aceite, pertença.

## NeoGeo ou Um Episódio do Fim do Mundo

Escrito em Maio de 1988 e publicado em tema livre do suplemento, este conto/vinheta é mais um dos frutos da Guerra Fria e do medo da guerra nuclear e do fim da civilização tal como a conhecemos.

Um cosmonauta regressa a uma Terra, estéril e moribunda. O conto não tem caracterização nem enredo. É apenas o veículo de uma ideia para descrição de lugares e estados de alma. Uma das imagens do conto foi directamente inspirada por uma gravura de Chris Foss, publicada num livro da editora Paper Tiger denominado **Shipwrecks**.

Os retrojactos levantaram nuvens de poeira avermelhada e fina que o vento forte depressa levou, restituindo a limpeza a atmosfera. As muitas toneladas da nave tripulada descansavam agora sobre a terra. Uma pequena porta destacou-se da antepara suspensa por dois cabos hidráulicos. Um cosmonauta desceu por ela. Com o filtro prateado protegendo-o do Sol radiante, o homem avançou pela terra evitando as gretas ocasionadas pela seca.

A nave já se reduzira a um ponto minúsculo, contudo o cosmonauta continuava a andar. Ao longe, quase na linha do horizonte, um objecto recortava-se contra o pano azul do céu. Era para essa quebra na monotonia que os seus passos se dirigiam. Passado algum tempo os contornos do objecto tornaram-se visíveis formando o vulto enorme de outra nave. Nas placas riscadas pela erosão e quase apagadas pelo tempo, viam-se as iniciais U.S.A.F. O cosmonauta não se deteve e passou ao lado da decrepitude abatida, para descobrir, do outro lado, duas marcas de lagartas profundamente impressas na terra vermelha. Seguiu-as.

Algumas centenas de metros mais à frente viu o veículo. Estava voltado de lado, mostrando as marcas de uma explosão antiga. Espalhadas em volta estavam caixas de mantimentos destruídas e um pouco mais adiante uns farrapos do que em tempos fora um fato espacial, cobrindo um esqueleto

humano. Pela viseira quebrada do capacete, uma caveira, de brancura imaculada, ria-se para o cosmonauta.

A noite chegou e ele refugiou-se dentro do veículo. Durante o ocaso algumas nuvens haviam-se acumulado e resolviam-se agora numa chuva breve mas feroz.



Uma figura, distorcida, como uma miragem, pelo calor, arrastava-se pela lama que secava debaixo de um Sol impiedoso.

Arrastava-se como um vagabundo que visse o seu mundo cair em pedaços à sua volta.

Aves voavam para lá da colina a sua frente. Talvez sobrevoassem um cadáver recente ou apenas pairassem sem destino, esperando a morte radioactiva.

Como ele.

## *Forficula Auricularia*

Este foi dos últimos contos escritos por mim antes do *writer's block* que me afectou durante quase uma década e à semelhança de *Ele Volta Sempre* também se insere na temática do terror. Foi publicado no suplemento a 9 de Maio de 1989.

É o fruto provável das influências da descoberta de Stephen King, ou talvez apenas o desejo de mudar de estilo. Lembro-me que fiz alguma (pouca) pesquisa sobre a bicha-cadela do título e o resto saiu de chofre durante uma hora de almoço. Não é dos meus contos favoritos, e o tom à E.C. Gaines da narrativa é demasiado tosco, mesmo para o meu (decididamente) mau gosto.

A bicha-cadela subiu sem dificuldade a perna da cama e passou para o lençol por onde andou algum tempo até encontrar um refego de aspecto agradável na fronha, onde se instalou.

O Teixeira acabou o jantar e levou o prato para o lava-loiças que continha, por aquela altura da semana, uma considerável pilha de loiça suja. Ainda ficou a olhar um pouco para a loiça tentando arranjar coragem para lançar mãos à tarefa mas a T.V. venceu e mais uma vez a loiça passou outra noite sem ver água e detergente. Por volta dum quarto para a meia-noite o sono atacou-o sentindo os olhos a arder e as pálpebras com um peso venenoso. Como o programa não ajudava a combater o sono, como habitualmente, decidiu ir deitar-se. Levantou-se do sofá e desligou a televisão. Com uma passagem pela casa-de-banho para aliviar a bexiga e passar a escova pelos dentes entrou na cama que rangeu convidando o Morfeu.

A bicha-cadela viu o seu pequeno esconderijo dar uma reviravolta que a projectou numa massa de pêlos. Irritada, começou a furar pela floresta capilar do Teixeira procurando voltar ao conforto da fronha mas pelo caminho encontrou a carne gordurosa da orelha e achou que devia pesquisar aquela região mais aprofundadamente. O Teixeira, meio imerso no sono, sentiu uma súbita comichão na orelha e voltou o corpo para a esfregar na almofada aprisionando a bicha-cadela que perturbada, seguiu o único caminho possível.

O interior do canal auditivo. Chegada ao tímpano e fiel às lendas a tesourinha tratou de o rasgar e passou para o ouvido médio onde começou a trabalhar na cóclea. Tudo o que o Teixeira sentiu foi uma ligeira dor mas de tal forma estava já embrenhado no sono que nem sequer despertou. A tesourinha, lenta mas seguramente, continuou a mastigar um caminho para o cérebro.

De manhã, enquanto se barbeava, reparou na crosta de sangue no ouvido direito. Arrancou-a com uma unha e esperou, sem resultado, que o sangue reaparecesse. Inspeccionou a orelha com o dedo, e sentiu um espigão espetar-lhe o dedo. Tirou-o e observou-o.

Enquanto esperava na sala pela vez veio-lhe uma dor súbita no ouvido que aumentava a cada minuto. Quando a enfermeira o chamou a dor era já uma agonia intensa que lhe roubava a visão e a audição do lado direito. Ao mesmo tempo uma migraína instalava-se causando ainda mais dor. Semi-inconsciente o Teixeira entrou no consultório.



O médico examinou-lhe o ouvido e o espigão que ele trouxera e depois de remexer um pouco nos papéis procurando a melhor forma de anunciar o diagnóstico que fizera olhou-o olhos nos olhos e disse:

- A sua situação é grave. Não sei como mas uma bicha-cadela entrou-lhe no canal auditivo externo, rompeu-lhe o tímpano e furou-lhe a cóclea devendo encontrar-se agora no nervo coclear. É natural que fique permanentemente surdo desse ouvido pois com certeza que o insecto danificou com a sua passagem os cílios. O pior é que está agora a comer um caminho para o cérebro e há uma hipótese num milhar em que ele fure em linha recta e saia pelo outro ouvido. Se tal acontecer os danos serão mínimos e talvez até o tecido cerebral se auto-reconstitua. As defesas do organismo são maiores do que por vezes se pensa, caso contrário é provável que o senhor enlouqueça.- Sei que não são notícias agradáveis - acrescentou o médico

reparando na cara crescentemente alarmada do paciente - mas não há que desanimar.

- Não há que desanimar? - explodiu o Teixeira - Você diz-me que um bicho anda cá dentro a comer-me os miolos e que na melhor das hipóteses posso ficar totalmente surdo e na pior louco e você tem a lata de me dizer para não desanimar. Era você que devia andar com um bicho dentro da mioleira e não eu.

- Calma não se excite...

- Calma diz-me ele. Como é. que não me hei-de excitar. Se fosse você como é que ficava? - fez uma pausa e mais controlado continuou - Quer dizer que em pleno século XX com toda a parafernália de equipamento electrónico que para aí anda, com todos os avanços da medicina etc. etc. não me conseguem tirar um insecto da cabeça?

- Compreenda a situação, por favor. Não há forma alguma de retirar o insecto no estado actual das coisas. Nem mesmo com uma intervenção cirúrgica se podia remediar a situação porque a zona atingida é de difícil alcance e os danos que poderiam advir de tal operação podiam ser mais elevados do que se deixarmos as coisas seguirem o seu rumo natural.

- Isto é inacreditável. Não posso acreditar que você esteja aí, calmamente sentado a descrever o meu caso como se fosse um mero exercício da escola. - o Teixeira levantou-se subitamente derrubando a cadeira. - Vou-me embora, sabe tenho de ir enlouquecer. - Saiu batendo violentamente com a porta. Um quadro pendurado por detrás do cadeirão do médico, que certamente ansiava há muito por aquela oportunidade, caiu estrondosamente.



No caminho para casa o Teixeira pensou no que poderia fazer e acabou por concluir que nada havia a fazer. Restavam-lhe três hipóteses: ou o bicho

roía em frente e saía pela outra orelha, e nesse caso ficaria surdo a 100% e com a sorte que tinha talvez meio chéché; ou o bicho ficava lá por dentro a comer-lhe o cérebro a pouco e pouco como uma lagarta numa maçã, e ele a ficar louco a pouco e pouco, rima e é verdade; e finalmente, senhoras e senhores, a última hipótese, aquela que todos nós uma vez por outra tomamos, uns levam-na a sério, os outros não, o suicídio, belo e eficaz suicídio, é só escolhê-lo, há muitas e diversas formas de ir desta para melhor, por exemplo tomar alguns comprimidos de dormir e Vale do Torpor aqui vou eu ou então pendurar um cinto naquele camarão lá no tecto passá-lo à volta do pescoço e saltar, mas o melhor de todos será o do cano da pistola encostado ao céu da boca e pum, bicho e miolo na parede um método um bocado sujo mas também para quê preocupar-se com o papel de parede.

Telefonou aos amigos que lhe ofereceram a sua piedade, como se ele já estivesse morto e enterrado, ou talvez num asilo de lunáticos. Farto de piedade deixou de telefonar, após o quarto amigo, é claro que lá no fundo a principal razão porque lhes telefonara era de querer ouvir palavras de pena e dor, queria espalhar um pouco de miséria à sua volta. Ainda não estava suficientemente azedo para isso.

Foi ao bar preparar uma bebida forte. A migraína desaparecera e só a dor do ouvido persistia. Admirou-se de não sentir qualquer dor no interior da cabeça e foi à estante buscar alguns livros das Seleções sobre o corpo humano e a saúde. Leu tudo sobre cérebro e ouvidos e ficou a saber que a ausência de nervos no cérebro contribuía para que não sentisse o insecto lá por dentro. Sentia-se cada vez mais depressivo e quanto mais lia sobre a complexidade do cérebro humano mais desanimado de sair daquilo são ficava. A perspectiva do suicídio parecia-lhe cada vez mais atraente com cada nova bebida que tomava. A certa altura deu por si a tirar o revólver da mesa do gabinete de trabalho e a encostá-lo a tempôra. Um laivo de raciocínio no meio dos vapores do álcool impediu-o de terminar o acto e durante um bocado ficou a olhar para a arma

como se a visse pela primeira vez. Depois atirou-a para um canto como se ela o tivesse queimado.

Passou o resto da noite no bar a consumir uísque e gin, afogando a dor e a depressão à custa do discernimento. Caiu num sono inquieto aos primeiros alvares da manhã.



Durante os dias seguintes, amigos vieram e foram-se deixando-o entregue à sua sorte ou azar. Nos intervalos das bebedeiras o Teixeira sentia-se como que a navegar num sonho estranho e por vezes dava por ele na casa-de-banho prestes a cortar os pulsos com lâminas de barbear, outras vezes estava de novo com a pistola nas mãos. A partir do terceiro dia começaram as visões. Em frente dele erguia-se um enorme Louva-a-Deus com pedaços de miolos nas patas e o Louva-a-Deus tinha a cara do médico ou de algum conhecido. E ria-se muito do Teixeira reduzido a dimensões liliputianas e preso numa camisa de forças. Noutras visões era o Diabo que lhe aparecia vestido com uma toga e com a peruca de juiz. O Diabo falava com ele mas ele não conseguia responder porque alguém lhe cosera a boca. No quinto dia acabaram as bebidas.

No elevador ia uma senhora que o olhava subrepticamente, enojada com o aspecto desmazelado dele. O Teixeira mandou-a a merda e a senhora muito chocada saiu apressadamente para o hall indo de encontro a um jovem que esperava o elevador. O Teixeira também lhe deu um encontrão por puro prazer.

A caminho da loja de bebidas veio-lhe uma dor tão aguda ao ouvido esquerdo que perdeu momentaneamente a visão e tropeçou estatelando-se ao comprido na rua. As pessoas que passavam iam para o levantar quando repararam no estado andrajoso em que ele estava e pensando tratar-se de algum vagabundo seguiram à sua vida.

O médico espreitava para ouvido e dizia-lhe:

- É possível que a bicha-cadela esteja no nervo a tentar sair o que pode levar o seu tempo, de qualquer forma está com muita sorte pois ainda conserva alguma audição do outro ouvido e concerteza que deste também tudo ficará na mesma. É questão de alguns testes para determinar o grau exacto de surdez mas eu diria que o senhor teve muita sorte. Poucos se poderiam gabar de ter tido um insecto dentro da cabeça e terem escapado com pouco mais do que uma ligeira surdez. Humm, estou a ver qualquer coisa, não lhe dói o ouvido?

- Sim está a doer imenso. Mal o ouço.

- Acho que o insecto está a romper o tímpano, já lhe vejo a cabeça. - o médico pegou numa pinça e apanhou o bicho que mostrou ao Teixeira. - Aqui o tem, a bicha-cadela aliás tesourinha, aliás forficula auricularia de seu nome científico.

O Teixeira pegou na pinça e ficou a olhar para o pequeno ser que se contorcia tentando libertar-se. Calma e deliberadamente largou-o em cima da mesa e esmagou-o com o polegar.



Dois dias depois o Teixeira dava uma festa para celebrar o regresso ao mundo dos vivos e são de espírito na qual compareceram todos os amigos que já o julgavam nalgum asilo ou com seis pés de terra em cima. O Teixeira não se cansava de contar a história à mistura com algumas piadas de como matara o bicho-do-ouvido, de como estivera prestes a enriquecer as hostes do mafarrico e outros disparates do género. No meio da enésima versão da história tocou o telefone no gabinete de trabalho. O Teixeira foi atender fechando a porta para cortar o ruído da festa. Levantou o auscultador e ouviu do outro lado a voz do médico anunciar-lhe:

- Fala Medeiros, é da casa do senhor Teixeira Martins?

- O próprio.

- Desde ontem que lhe andava para falar mas sempre que ligava para aí estava impedido.

- Pois. Estive a telefonar a toda a gente para as convidar para uma festa. Diga lá o que é que se passa.

- Bem, depois de o senhor sair mandei examinar o insecto por um colega especialista. Receio que tenha más notícias.

- Más notícias, que notícias, fale homem, já me está a enervar com os seus rodeios.

- Desculpe-me é o meu feitio. Não sei se sabe a tesourinha é uma mãe exemplar. Vigia ciosamente os ovos e vive perto deles durante um certo período de tempo que para nós é irrisório mas que em termos de vida das bichas-cadelas é o suficiente para os ovos eclodirem e as larvas darem por assim dizer os primeiros passos. A mãe não só as protege durante este período crucial da vida delas como quando as deixa se assegura de que ficam bem alimentadas. Na altura em que nós apanhamos a sua tesourinha ela acabara de sair de uma postura e é de crer que o senhor tenha agora milhões de larvas alojadas no cérebro. - O sinal de interrompido cortou a ligação do médico que encolhendo os ombros pousou o auscultador.

O doutor Medeiros era uma pessoa de imaginação fértil e naquele dia 1 de Abril lembrara-se de pregar uma partida àquele paciente. Aliás uma partida de todo merecida tendo em conta o que ele já lhe aturara. O temperamento irascível daquele jovem era quase intolerável mas enfim os jovens são sempre os jovens e quem era ele para os criticar. Deus e ele sabiam o que ele dissera e fizera no seu tempo. De qualquer maneira era uma partida bem pregada uma vingança pequena pelo que o yuppie lhe dissera quando tudo o que ele quisera fazer fora ajudar. Dai a pouco telefonaria a desmentir tudo e ainda se haviam de rir os dois. Por agora deixá-lo sofrer um pouco.

O doutor levantou-se e foi buscar um livro para se entreter enquanto esperava a ocasião de telefonar ao Teixeira. Imaginou a angústia do coitado a pensar que tinha a cabeça cheia de larvas. Soltando uma sonora gargalhada o doutor abriu o livro.

Longe dali uma festa foi interrompida por um disparo.

## Ele Volta Sempre

Este conto foi escrito em Outubro de 1990 e publicado no suplemento a 4 de Dezembro do mesmo ano. Foi o penúltimo que eu enviei para o suplemento e das últimas palavras ficcionais que escrevi antes do *writer's block*.

Na altura tinha descoberto a literatura de horror moderna, pela mão de Stephen King, e penso que partes foram inspiradas pelo conto de King *Sometimes They Come Back*.

Acabou por ser uma experiência que não deu muito resultado. Fossem quais fossem os motivos para o bloqueio criativo uma coisa é certa, não estava a ir pelo melhor caminho. Talvez tivesse sido a altura ideal para parar, recarregar as baterias e ganhar novo fôlego.

- Então André, ainda ficas?

- Sim, - respondeu ele olhando por cima do monitor IBM, - tenho de acabar hoje o relatório para o Velho levar amanhã de manhã para a reunião.

- Ah é? Ainda te matas a trabalhar para o Velho. Olha eu vou andando. Até amanhã.

- Até amanhã. - respondeu o André de novo absorto nas filas de números que enchiam o ecrã. De vez em quando apontava algumas notas numa folha coberta de rabiscos e garatujas. Do outro lado da sala alguém usou a fotocopadora, por instantes o barulho abafando o monótono zumbir das lâmpadas fluorescentes. Através dos vidros chegava àquele oitavo andar o ruído do tráfego de mais uma hora de ponta, com centenas de carros lutando pela primazia no asfalto, buzinando uns aos outros como animais na selva defendendo o seu território. Todos queriam fugir à chuva que se anunciava desde as quatro da tarde e não deveria tardar. Distante, mas aproximando-se inexoravelmente, ouvia-se a trovoada.

O André, indiferente ao passar das horas, mergulhara desde as 7 da manhã no fastidioso trabalho de compilar o relatório anual da agência. O chefe do departamento, por todos conhecido como o Velho, chamara-o ao seu gabinete e quando, com um sorriso malicioso, lhe lembrara que data era a

daquele dia, o coração caíra-lhe aos pés. Estava-se a menos de vinte e quatro horas da reunião de Novembro onde, pontualmente como um relógio suíço, eram apresentados os relatórios anuais da agência, da responsabilidade daquele departamento e mais concretamente da sua responsabilidade.

Era bem verdade que nunca fora ele antes o encarregado de elaborar o relatório, assim como era verdade que há muito pouco tempo ocupava aquele cargo, estando a substituir o Andrade que fora transferido, mas nada disso comoveria o Velho e muito menos o Conselho Administrativo. Prometeu ao Velho que no dia seguinte encontraria o relatório pronto sobre a mesa, mas este nada disse e ele saiu do gabinete com a impressão de que o Velho não acreditava que ele conseguisse.

Desde então trabalhara ininterruptamente, determinado em mostrar as suas reais capacidades e aproveitando a oportunidade para lançar a escada a mais uma promoção. A vida é assim, agarra-se toda a oportunidade que surge e tira-se dela o máximo proveito. Pelo menos fora isso que a sua mãe sempre lhe ensinara e até agora não se dera ma1 com aquela filosofia de vida. E ali estava ele aproveitando tudo e tirando o proveito daquelas horas de trabalho solitário. Ao lembrar-se de que estava sozinho cruzou-lhe a mente a ideia de avisar o segurança para que este não pensasse que estava ali algum ladrão, mas uma paradoxal curva no gráfico de resultados líquidos do mês de Julho distraiu-o o tempo suficiente para se esquecer de avisar fosse quem fosse.

A noite ia avançada e há muito que os sons do tráfego se haviam extinguido, substituídos pelo forte bater da chuva nas janelas e o estrondo dos trovões por cima da cidade quando terminou o relatório. A impressora laser deitou para fora a última folha com as conclusões que ele agarrou juntando-a ao molho das outras folhas ridiculamente pequeno para tantas horas de trabalho. Demorou-se ainda a tirar uma cópia na fotocopadora e acabou

juntando tudo em duas encadernações que foi pôr, com uma certa ponta de orgulho, em cima da secretária do Velho.

Depois vestiu o sobretudo, pegou no guarda-chuva e na mala e saiu para o átrio onde chamou um elevador, que chegou anunciando-se com um suave tlim. Entrou e carregou no botão marcado com um o. O elevador cerrou as portas e iniciou a descida.

Sobre a cidade a trovoada aumentava de intensidade e o ar carregado de electricidade causava problemas na Central Eléctrica. Nas sub-estações os geradores estavam a sofrer perturbações. Uma sobrecarga na sub-estação de Carnaxide despoletou o sistema de segurança. Um após outro os sistemas desligaram-se. Em menos de dois segundos toda a cidade ficou mergulhada na escuridão, apenas cortada fantasmagoricamente pelos relâmpagos.

A luz dentro do elevador apagou-se no mesmo instante em que bruscamente travou entre o quinto e o quarto pisos.

Na súbita escuridão o André pousou a mala e o guarda-chuva e tateou pelas paredes até encontrar os botões e apertar o último. Não sabia se o alarme funcionava numa falta de energia mas não custava nada tentar. Depois, por descarga de consciência, tentou forçar as portas do elevador num esforço inútil. Tocou outra vez no alarme e então lembrou-se de que não avisara o segurança. E se aquele, convencido que toda a gente fora para casa, estivesse a dormir? Conseguiria ouvir a campainha do alarme? E o alarme estaria a tocar? Nem sequer essa certeza podia ter. Optou pelo optimismo, o *blackout* não demoraria muito, - pensou - afinal estava numa cidade onde as falhas de electricidade eram raríssimas. Daí a 15 minutos voltaria tudo ao normal, era só uma questão de ter paciência.

No entanto e apesar do seu optimismo o André sentiu um fio de suor escorrer-lhe espinha abaixo, enquanto os sovacos acumulavam suor. Era do calor. Estava a ficar abafado ali dentro, pensou, e desapertou o colarinho

aliviando o nó da gravata. Bem sabia ele que todo aquele suor não era originado pelo calor mas sim pela lembrança a todo o momento mais vívida duma experiência que sofrera há vinte anos atrás. Até hoje nunca pensara nela, excepto em sonhos ou antes pesadelos, mas como todas as experiências, boas ou más, esta apenas esperava a altura exacta para regressar.



A avó guardava as bolachas numa caixa grande e quadrada de latão com o desenho na tampa de dois gatinhos a brincarem com um novelo de lã. A caixa já estivera na bancada junto do pão e das loiças mas corno ele sempre surrupiava uma ou outra bolacha e a avó era muito ciosa das suas bolachas, que estavam guardadas para dias de visitas quando eram dispostas num tabuleiro e iam para a mesa da sala de jantar acompanhar o chá forte e preto, tinha sido mudada para cima dum armário alto para junto dos frascos com as compotas de melão, marmelo e tomate. Ali era supostamente inatingível mas o André descobrira uma forma de lá chegar e quando a altura própria chegou pôs o plano em acção. Arrastou uma mesa para junto dos armários e trepando para cima dela conseguiu, embora tivesse de se pôr em bicos de pés, tocar na caixa e usando da perícia deslocou-a o suficiente para ter base para a agarrar firmemente. Aproveitou e tirou uma mão cheia de bolachas para ficar com um *stock* futuro que não o obrigasse continuamente à mesma proeza, que além de trabalhosa era perigosa. Na altura em que ia voltar a pôr a caixa no lugar bateu contra um dos frascos que caiu no chão lançando fragmentos de vidro e de doce de tomate vermelho escuro por todos os cantos da cozinha. O André nem sabia onde se meter quando a avó apareceu a correr vinda do quintal. Em duas passadas atravessou a cozinha e sem mesmo reparar que estava a pisar o doce pegou nele pelos braços e meteu-o no chão aplicando-lhe uma bofetada enquanto gritava vezes sem conta:

- Olha para o que fizeste, olha bem para o que fizeste.

O André , assustado, desatou a chorar o que ainda mais irritou a avó que torcendo-lhe uma orelha o arrastou pela cozinha fora até à despensa, imprimindo no chão pegadas de doce de tomate. Abriu a porta da despensa e empurrou-o para dentro fechando violentamente a porta. Depois com um suspiro começou a limpar a sujeira.

Dentro da despensa havia pouco espaço livre e cheirava a mofo. O André bateu com os punhos na porta gritando que queria sair mas quanto mais ele gritava mais a avó lhe dizia para estar calado que só quando estivesse sossegado é que o deixava sair. O André então calou-se, sentando-se em cima dumas caixas de papelão e esperando. Por baixo da porta coava-se a claridade do dia e foi a olhar para ela que adormeceu.

Acordou. Já não via luz a entrar por baixo da porta. Estava imerso na mais completa escuridão. Nem mesmo à noite no seu quarto a escuridão era tão completa, havia sempre as luzes dum carro a passar na rua ou o luar ou simplesmente o candeeiro da rua. Esta escuridão, quase que a podia tocar, sentir. E o cheiro a mofo, parecia ter aumentado, e era um pouco diferente, mais activo, como se houvesse ali fruta podre, ou uma outra coisa...

Sentiu um arrepio nas costas, ainda se ao menos pudesse ver alguma coisa, mas nem sequer sabia se tinha os olhos abertos ou fechados. Sentiu o coração, acelerado bater com força no peito franzino, tinha picadas nos braços e nas pernas e suava. Suava bastante, até já tinha a camisola molhada. Abriu a boca para chamar a avó mas um nó formou-se na garganta impedindo-o de dizer uma sílaba que fosse. Levou as mãos a cara e tirou o suor das sobancelhas que lhe picava os olhos. Soluçou baixinho, queria sair dali, ir para onde houvesse luz, muita luz. Baixou-se para tocar no chão e sentir onde estava a frincha da porta. Os seus dedos avançaram pela poeira, esbarraram contra uma caixa e por fim sentiram a madeira da porta. Foi então que a mão lhe agarrou o pulso. Desmaiou.

A primeira coisa que viu quando veio a si foi a cara preocupada da avó olhando para ele. Depois a cara da avó desapareceu substituída pela da mãe que lhe acariciou a fronte afastando os cabelos da testa enquanto o sossegava com palavras meigas. Ele desatou a chorar e a balbuciar e a mãe teve de o tomar nos braços, embalando-o.

A mãe e a avó tiveram uma tremenda discussão e a mãe prometeu-lhe que nunca mais o deixava na avó, o que foi de certa maneira um alívio para ele. No próprio dia em que ela lhe disse isso ele fez as malas com a mãe e foram os dois para um quarto numa pensão. Nunca contou a ninguém o episódio da despensa, tentando ele próprio esquecer o que se passara e muito especialmente a parte em que sentira a mão gelada e ossuda fechar-se em volta do pulso. Com o tempo esqueceu grande parte do que se passara e nas raras ocasiões em que se lembrava remetia tudo à sua imaginação infantil.



Quando a luz voltou, meia hora depois, o segurança achou que seria melhor fazer uma vistoria só para ter a certeza de que ninguém se aproveitara do *blackout*. Pensou começar pelo último andar e vir descendo conforme fosse verificando os vários andares. Aproveitaria para desligar as luzes que os empregados sempre deixavam acesas. Não chegou a fazer a ronda, aliás nessa noite pouco mais fez do que prestar declarações ao inspector da polícia interessado em saber como encontrara ele o corpo do André e como explicava a presença dumas marcas de dedos no pescoço deste.

## Epílogo

Nesta colectânea faltam dois contos. O primeiro foi enviado para o tema de ficção científica, e deu início às colaborações, e o último de título *Belial ou a Estrela da Manhã*, já escrito quase no limite de idade. A razão é simples. Perdi-lhes o rasto por completo. Não tenho os originais, nem cópias dos suplementos. Aqui fica a nota como mera curiosidade.

Finalmente resta-me agradecer-lhe a sua atenção e paciência para enfrentar estes contos de adolescente. Foram tempos interessantes, foram palavras sentidas. Hoje em retrospectiva sinto que havia muita coisa a mudar, mas como diz a *vox populis*, ninguém nasce ensinado e é da prática que nasce a perfeição. Perfeição essa que estou ainda muito longe de alcançar, mas para lá vou indo...

Que o futuro fica em frente, qual auto-estrada rumo ao horizonte, não tenho dúvidas, mas que reserva o destino final, quem saberá dizê-lo?